

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Daiete de Souza Ramos

**O CABELO COMO UMA MARCA RACIAL: IMPACTOS DO RACISMO SOBRE A
SUBJETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Diogo Tourino de Sousa.

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **DAIELE DE SOUZA RAMOS**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **201873168A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O CABELO COMO UMA MARCA RACIAL: IMPACTOS DO RACISMO SOBRE A SUBJETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL** desenvolvido durante o período de **agosto de 2023 a dezembro de 2023** sob a orientação de **DIOGO TOURINO DE SOUSA**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

DAIELE DE SOUZA RAMOS

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O CABELO COMO UMA MARCA RACIAL: IMPACTOS DO RACISMO SOBRE A SUBJETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Daiele de Souza Ramos¹

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar o cabelo enquanto uma marca racial e, nesse contexto, investigar quais são os impactos que o racismo no Brasil tem sobre a subjetividade das mulheres negras. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica dos estudos realizados em torno das relações raciais no Brasil para se elucidar, como se formou no país uma cultura racista que classifica e hierarquiza os corpos dos sujeitos e atribui ao cabelo das pessoas negras adjetivos negativos, o associando aquilo considerado feio, ruim e sujo. Foi verificado que o processo histórico, político e cultural do país, marcado pela escravidão, a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial, produziu no imaginário social dos brasileiros um ideal a ser alcançado, isto é, as pessoas brancas e suas características. Sendo um dos sinais mais evidentes do corpo, o cabelo da pessoa negra, tal como tom mais escuro da pele, é visto como um sinal de inferioridade racial. Porém, ao contrário da cor, o cabelo crespo pode ser alterado, manipulado através de diversos procedimentos estéticos e mudá-lo poderia ser uma forma de se distanciar deste estigma. A partir do material apresentado, foi realizada uma pesquisa qualitativa, cuja metodologia adotada foi a de entrevistas semiestruturadas, apoiadas por um roteiro pré-elaborado que buscava, a princípio, contemplar a trajetória de vida das pesquisadas para entender como se deu a experiência delas com o cabelo ao longo da vida e verificar como esse racismo brasileiro produz impactos na forma como elas se relacionam e manipulam o cabelo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Cabelo. Mulheres Negras. Racismo. Subjetividade

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é analisar o cabelo enquanto uma marca racial e, nesse contexto, investigar quais são os impactos do racismo sobre a subjetividade das mulheres negras no Brasil. Para esse fim, além da introdução e conclusão, o trabalho está dividido em quatro partes:

Na primeira parte será apresentado a noção de corpo e cabelo compreendidos pela cultura, buscando explorar, num primeiro plano, os significados que podem ser atribuídos aos cabelos por diferentes sociedades. Nesse contexto, veremos a seguir, como o cabelo pode evidenciar a posição social de um indivíduo, sua condição financeira ou, o seu estado emocional. Sua natureza provocativa permite que ele também manifeste sinais de beleza e sensualidade, sendo capaz de expressar uma atitude, uma moda e ser usado pelo sujeito como meio para indicar um posicionamento político ou afirmação da sua identidade étnico racial. Assim, entendemos que “o cabelo é um veículo capaz de transmitir diferentes mensagens, por isso possibilita as mais diferentes leituras e interpretações. Desse modo, para muitos, o cabelo é a moldura do rosto e um dos primeiros sinais a serem observados no corpo humano.” (Gomes, 2002, p.50). Portanto, operando como um meio de comunicação, a forma como um estilo ou tipo de cabelo é percebido por alguém irá depender do que a sociedade a qual ele pertence entende como corpo ideal, do que é socialmente aceito e visto como belo, pois é a partir da cultura que aprendemos a classificar e a hierarquizar o corpo, sendo ela que molda o nosso olhar sobre nós mesmos e sobre o outro.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Diogo Tourino de Sousa.

Na segunda parte será abordado a hierarquização e classificação dos cabelos a partir de um recorte racial. No Brasil, as mulheres negras tiveram, ao longo da vida, uma relação com o cabelo muito diferente das mulheres brancas, pois, historicamente, se construiu no país, uma noção de beleza atrelada a uma estética embranquecida, a qual colocava os cabelos das pessoas negras no polo da negatividade e o das pessoas brancas, no da positividade. Desse modo, o liso era considerado por muitos, como sendo um cabelo “bom” enquanto o crespo era visto como “ruim”. Portanto, mudar o cabelo seria, talvez, uma forma de se aproximar de um padrão considerado ideal e um afastamento de um cabelo estigmatizado pelo racismo. Tais fatos se explicam pela origem escravocrata do país que sequestrou e inferiorizou os corpos das pessoas negras e que teve, ao longo do seu processo histórico, a noção de raça pautada por fatores biológicos, pelos ideais de branqueamento e o mito da democracia racial.

Na terceira parte será realizado um breve levantamento bibliográfico sobre estudos realizados acerca das relações raciais no Brasil para se elucidar, como se constituiu país um tipo de preconceito racial que se dirige em direção ao sujeito cuja características fenotípicas revelam uma origem negra e africana. Desse modo, mesmo com a abolição da escravidão e, apesar da ascensão social, persiste ainda no país uma desigualdade racial que coloca o sujeito negro em posição de inferioridade frente ao sujeito branco. Assim, cor e cabelo ainda permanecem como elementos de distinção nas relações sociais entre negros, brancos e mestiços brasileiros e, portanto, quanto mais escura for o tom da pele, quanto mais crespa for a textura do cabelo do indivíduo, maior será a probabilidade deste sofrer de discriminação.

Por fim, na quarta e última parte, após o levantamento bibliográfico e estabelecido o cabelo como uma marca racial, será feito uma análise para investigar quais são os impactos que esse racismo brasileiro, que enxerga no cabelo do negro um símbolo de sua inferioridade, tem sobre a subjetividade das mulheres negras. Para atingir esse propósito, foi realizado uma pesquisa qualitativa, cuja metodologia empregada foi a de entrevistas semiestruturadas, apoiadas por um roteiro pré-elaborado, que buscava, a princípio, contemplar a trajetória de vida das pesquisadas para então entender como se deu a experiência delas com o cabelo ao longo da vida e, nesse sentido, verificar como esse racismo brasileiro produz impactos na forma como elas se relacionam e manipulam o próprio cabelo.

Para a parte teórica do trabalho irei me apoiar, essencialmente, no trabalho da autora e pedagoga Nilma Lino Gomes, que produziu uma rica etnografia sobre o cabelo das pessoas negras e, também, nos estudos realizados em torno das relações raciais no Brasil que foram desenvolvidos por autores como Oracy Nogueira, Virginia Bicudo e outros que também se dedicaram a pesquisar sobre o tema.

2. JUSTIFICATIVA

Desde que me lembro, eu sempre relaxei os cabelos, pois, era algo comum para mim e que todos da minha família também faziam. A minha primeira experiência traumática com o cabelo, no entanto, foi por volta dos 14 anos de idade quando decidi que iria alisá-lo totalmente com uma escova uma progressiva. Busquei alguns salões e encontrei um lugar onde a cabelereira faria por um preço relativamente baixo, pois

eu não trabalhava naquela época e um amigo que iria arcar com todos os custos da aplicação. Na data marcada, durante o procedimento, além do cheiro horrível que ficava no ar, eu já sentia um desconforto no meu couro cabeludo tão intenso que somente dias depois eu perceberia os danos físicos causados pela química. Foram diversas queimaduras em grande parte do couro cabeludo, sangramentos e pruridos, além da queda dos fios que saíam inteiros da minha cabeça durante o banho. Os cabelos alisados encobriam uma cabeça machucada e, apesar de receber alguns elogios, não senti nada além de constrangimento.

Pressupõe-se, que no fazer científico, o pesquisador, a partir de um olhar distanciado, precisa ser objetivo, racional e se ater a neutralidade do discurso². Nesse sentido, quando decidi que iria realizar essa pesquisa, inicialmente, eu estava em conflito. O medo de me confundir e perder a objetividade na execução do trabalho proposto era muito grande, pois, como uma mulher negra, passei por diversas experiências traumáticas e conflituosas com o cabelo e tratar sobre esse assunto era algo que mexia também com a minha própria subjetividade. Por esse motivo, eu me perguntava, como poderia trabalhar esse assunto de forma “neutra” quando eu mesma vim do lugar que pretendia pesquisar? Como poderia colocar as pesquisadas em posição de “outro” quando viemos de lugares parecidos?

Diante de tais indagações e a partir do meu breve relato acerca da minha experiência com o cabelo na adolescência, pretendo aqui esclarecer que esse trabalho, de forma alguma será neutro. Entretanto, isso não invalidará o conhecimento aqui produzido e nem os resultados obtidos, pois no próprio ambiente acadêmico, conforme nos diz Kilomba (2019, p.50), não há neutralidade.

Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: “Você tem uma perspectiva demasiado subjetiva”, “muito pessoal”; “muito emocional”; “muito específica”; “Esses são fatos objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico. (KILOMBA, 2019, p. 51 – 52)

As pessoas sempre falam de um lugar em específico e, “devido ao racismo, pessoas negras experienciam uma realidade diferente das brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente.” (Kilomba, 2019, p.54). Dessa forma, a minha experiência aqui compartilhada, trata-se de um fato que ilustra de maneira clara como o preconceito racial no Brasil pode nos afetar subjetivamente, influenciando a percepção que temos sobre o nosso corpo e o cabelo. Diante disso, esse tema se justifica pela importância de se compreender como o racismo no Brasil, caracterizado pelo mito da democracia racial e pelos ideais de branqueamento da população, estabeleceu um padrão de

²Goldenberg, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais - 9ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2005. pp. 17 - 18.

beleza que se espelha nas pessoas brancas e suas características, produzindo impactos na forma mulheres negras se relacionam e manipulam o próprio cabelo.

3. CORPO E CABELO COMPREENDIDOS PELA CULTURA

O cabelo, de um modo geral, possui significados diversos para diferentes culturas³, sendo capaz de evidenciar a “posição social do indivíduo perante a teia social, espiritualidade, virilidade, força, vitalidade, sensualidade, beleza, submissão e transgressão às opressões e normas sociais.” (Mortoza, 2021, p.14).

Queiroz (2000, p. 28), citado por Gomes, (2019, p. 208-209), relata como “o estado dos cabelos pode revelar a trajetória de vida de uma pessoa, sua condição de existência e o momento vivido no interior de um determinado grupo social”.

Ao abordar a trajetória do cabelo do negro, Nilma Lino Gomes nos apresenta alguns estudos antropológicos sobre os significados atribuídos a ele por algumas sociedades africanas:⁴

Na Nigéria, se uma mulher deixava o cabelo despenteado, era sinal de que alguma coisa estava errada: a mulher estava de luto, deprimida ou suja. Para os mende, um cabelo despenteado, desleixado ou sujo implicava que a mulher tinha “perdido” a moral ou era insana. (Gomes, 2019, p.332)

Desse modo, o cabelo pode determinar não só a localização ou condição social do indivíduo na sociedade a qual ele pertence, o seu estado pode também evidenciar uma fase emocional, uma transição ou conflito vivido por ele em algum momento da vida.⁵

Por sua natureza provocativa e devido as suas diferentes possibilidades de manipulação, o cabelo – que em muitas culturas ocidentais está também atrelado à condição de feminilidade⁶, - pode manifestar sinais de beleza e sensualidade, sendo capaz de expressar uma atitude, uma moda e ser usado pelo sujeito como meio para indicar um posicionamento político⁷ ou afirmação da sua identidade étnico racial.

Segundo Gomes:

O cabelo compõe um estilo político, de moda e de vida. Em suma, o cabelo é um veículo capaz de transmitir diferentes mensagens, por isso possibilita as mais diferentes leituras e interpretações. Desse modo, para muitos, o cabelo é a moldura do rosto e um dos primeiros sinais a serem observados no corpo humano” (Gomes, 2002, p.50).

³ MORTOZA, Gabriela Draibe; O Cabelo Enquanto Significante De Destaque Na Construção Subjetiva E Identitária De Feminilidades No Brasil. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso em psicologia. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo.

⁴ Nilma cita a descrição etnográfica da antropóloga Sylvia A. Boone no livro Hair Story: untagling the roots of black hair in America (BYRD; THARPS, 2001)

⁵ Gomes, Nilma Lino; Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. p.49 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>

⁶ MORTOZA, Gabriela Draibe; O cabelo e o ser mulher em: O Cabelo Enquanto Significante De Destaque Na Construção Subjetiva E Identitária De Feminilidades No Brasil. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso em psicologia. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo.p.15.

⁷ Gomes, Nilma Lino; Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2019.

Portanto, como parte integrante do corpo biológico e traço marcante da identidade do indivíduo que pode ou não o manipular para fins estéticos, políticos ou identitários, o cabelo torna-se um meio de comunicação com outro⁸.

Nesse contexto, a forma como um estilo, ou tipo de cabelo é percebido por alguém irá depender do que a sociedade a qual ele pertence entende como o corpo ideal, do que é socialmente aceito e visto como belo. Tudo isso se expressa através da cultura, pois, é por meio desta que “o homem e a mulher aprendem a classificar e a hierarquizar o corpo: bonito, feio, lábios grossos, lábios finos, cabelo liso, cabelo crespo” (Gomes, 2019, p.249).

Essa noção do corpo influenciado pela cultura é trabalhada por Gomes (2019, p.250-252) em sua etnografia sobre os salões étnicos. Com base nas reflexões do filósofo Merleau-Ponty, a autora entende o corpo como sendo objeto e sujeito da natureza e da cultura. Nessa perspectiva, o corpo é compreendido no campo perceptivo, do ver e ser visto e, ao mesmo tempo, ele é também influenciado por contextos históricos, políticos e culturais, os quais “exercem influência na construção do nosso olhar, da nossa visão sobre nós mesmos e sobre o outro”. (Gomes, 2019, p.252)

3.1 RAÇA, CLASSIFICAÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO DOS CABELOS NO BRASIL

Por se localizar em uma esfera mais íntima da subjetividade, a classificação do corpo e, sobretudo, a dos cabelos, acaba provocando impactos mais significativos sobre a sensibilidade e as identidades femininas, pois, “para aquelas que têm seus cabelos dentro do padrão, o cabelo pode funcionar como um reforçador de autoestima.” (Mortoza, 2021, p.12)

Contudo, ao tratar sobre esta questão com base em indicadores raciais, importa-se destacar que a relação que as meninas negras do Brasil possuem com os cabelos, difere-se das brancas, no sentido de que na hierarquia dos fios, ao cabelo liso é atribuídos significados mais positivos, como sendo um tipo “bom” e “bonito”, enquanto o cabelo crespo é visto como “ruim” ou “feio”, sendo, dessa forma, sempre caracterizado por adjetivos negativos.

Alguns se referem ao cabelo como: “ninho de guacho”, “cabelo de bombрил”, “nega do cabelo duro”, “cabelo de picumã”! Apelidos que expressam que o tipo de cabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à artificialidade (esponja de bombрил) ou com elementos da natureza (ninho de passarinhos, teia de aranha enegrecida pela fuligem). (Gomes, 2002, p.45)

Temos, então, o cabelo das mulheres negras colocado no polo da negatividade, do que é considerado feio, ruim, duro e sendo, dessa forma, o oposto do que é caracterizado o cabelo das mulheres

⁸ Gomes, Lino Nilma; O corpo visto e vivido na cultura em: Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo Como Símbolos da Identidade Negra. 2019. p.250

brancas, sempre visto como bom e compreendido pelos padrões estéticos da sociedade brasileira como sinônimo de beleza.

Essa noção de beleza atrelada a uma estética branca está ligada a ideologia de branqueamento que, não obtendo sucesso com embranquecimento da população através da imigração europeia, passa então a sugerir como símbolo de brasilidade, um corpo miscigenado⁹.

Desse modo, é preciso também pensar a questão dos cabelos do negro e do branco no Brasil para além dos termos “bom” e “ruim”, pois, devido a mistura racial brasileira, o cabelo pode tomar outras formas que podem ir além do crespo e do liso.

diferentemente da cor, que não pode se mudar tão facilmente, o cabelo pode ser manipulado e transformado por meio de tipos diversos de intervenção estética. Por exemplo, uma mulher que possui cabelo crespo e realiza relaxamento ou permanente – afro pode classificar o seu cabelo como “anelado”. No nosso sistema de classificação racial, possuir cabelo anelado é considerado mais distante do negro e mais próximo do branco. (Nilma, 2019, p.233)

Essa constatação nos aproxima também da noção dos corpos dóceis em Michel Foucault. Segundo o autor, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (Foucault, 1987, p.118) Nesse sentido, o cabelo, como elemento indissociável do corpo, torna-se também um objeto alvo de poder, estando suscetível ao controle e a manipulação, algo que pode ser disciplinado.

Nesse contexto, buscando se encaixar em um padrão ideal que lhe é imposto desde a infância e que vê nos cabelos crespos um sinal de feiura, uma mulher pode, portanto, mudar o seu cabelo porque se sente pressionada pela sociedade a fazê-lo, visto que, pessoas que possuem cabelos alisados, cacheados ou que escolhem realizar relaxamentos ou permanente-afro, talvez não tenham a sua imagem constrangidas devido ao fato de que essas texturas se afastam daquilo que é considerado um cabelo “ruim” e se aproximam mais daquilo que é entendido como um cabelo “bom”.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é a expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e o do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (Gomes, 2019, p.29)

Tal observação também sinaliza “a ambiguidade das relações étnico-raciais do Brasil que se expressa na afirmação de uma nação racialmente indiferenciada, mas que, de modo ambíguo, mantém o branco como ideal que não se pode, mas que, de modo inconfessável, se deseja alcançar.” (JESUS, 2021,

⁹ Santos, Ynaê Lopes. *Racismo Brasileiro: Uma História da Formação do País*. São Paulo: todavia. 2022

p.46) Desse modo, ao ponderarmos sobre os termos utilizados para a classificação do cabelo do negro e do branco no Brasil, compreendemos que essa hierarquização do corpo e do cabelo são aprendidos pelos brasileiros através de uma cultura racista que considera o cabelo das pessoas negras como sendo um tipo ruim e indesejável. Tal constatação se sustenta na explicação de como se deu a formação do país, isto é, marcada por um período escravocrata, o qual se estabeleceu a partir de uma experiência colonial violenta, que segregou e subjugou as pessoas negras sequestradas do continente africano e que teve, ao longo do seu processo histórico, a noção de raça pautada por fatores biológicos, pelos ideais de branqueamento e o mito da democracia racial.¹⁰

4. O CABELO ENQUANTO UMA MARCA RACIAL

“Na ordem social escravocrata, a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fato.” (Souza, 1984, p.20). No entanto, mesmo após a abolição da escravidão, a cor ainda permaneceu como elemento de distinção e atrelada a degeneração.¹¹ Em consequência disso, na busca pela aceitação e na tentativa de conseguir se integrar na sociedade moderna que se formava, o negro brasileiro precisava sair desse lugar de inferioridade que o colocaram em razão de seu biotipo. Portanto, ele busca assimilar algumas das características que poderiam torná-lo “gente”¹², ou seja, ele tenta tornar-se semelhante aos brancos, adotando seus padrões de comportamento e adquirindo status social. Entretanto, mesmo seguindo aos ideais de civilidade e boa aparência associados as pessoas brancas, as diferenças de tratamento em função do pertencimento racial ainda permaneceram presentes nas interações sociais entre negros, brancos e mestiços brasileiros¹³, o mito da democracia racial e a ideologia de branqueamento não foram suficientes para encobrir o racismo latente no país que logo passa a revelar as suas contradições.

Conforme nos diz Virginia Bicudo (1945, p.216-217), a ascensão social conquistada por meio da ascensão ocupacional não eliminava a distância social causada pela cor. Desse modo, ainda que detenham o mesmo status social, os pretos e mulatos em ascensão ainda internalizavam em si alguns sentimentos de inferioridade perante a rejeição que sofriam dos brancos, principalmente entre aqueles em que as interações com os brancos ocorreram a partir de contatos primários na infância. Segundo a autora, eles se consideravam inferiores, feios e envergonhados de sua origem.¹⁴

¹⁰ Santos, Ynaê Lopes. *Racismo Brasileiro: Uma História da Formação do País*. São Paulo: todavia. 2022

¹¹ Santos, Ynaê Lopes. *Racismo Brasileiro: Uma História da Formação do País*. São Paulo: todavia. 2022

¹² Souza, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983. p.20

¹³ Bicudo, Virginia Leone. *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo*. Tese de Mestrado para Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. 1945

¹⁴ Bicudo, Virginia Leone. *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo*. Tese de Mestrado para a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1945, p.218

Tal pensamento se reforça ao de Oracy Nogueira que observou que o tipo de preconceito racial que se materializou no Brasil é de marca¹⁵, ou seja, basta que o indivíduo possua alguns traços que apontem para uma ascendência africana para que ele se torne alvo de preconceito racial. Ainda conforme Nogueira (1998, p.197-198), é na infância que, tanto as crianças brancas quanto as negras, aprendem a considerar os traços negroides como indesejáveis e que a presença de indivíduos de cor em locais considerados “nobres” significaria a degradação desse ambiente.

Assim, a ideologia brasileira de relações inter-raciais, ao mesmo tempo que condena as manifestações ostensivas de preconceito e concita à miscigenação e ao igualitarismo racial, encobre uma forma sutil e sub-reptícia de preconceito, cujas manifestações e cuja intensidade se condicionam ao grau de visibilidade dos traços negroides e, portanto, à aparência racial ou fenótipo dos indivíduos. No mínimo, os traços negroides inspiram a mesma atitude e o mesmo sentimento de aversão e pesar que costumam produzir os “defeitos” ou deformações físicas. (Nogueira, 1998, p.199)

Compreende-se, então, que no Brasil, o racismo se expressa a partir da rejeição que se tem pela cor mais escura e, dessa forma, se configura no país um preconceito racial que se dirige em direção ao sujeito cuja características fenotípicas revelam uma origem negra e africana. A intensidade desse preconceito pode variar de acordo com o grau de negritude presente no corpo de cada indivíduo e, portanto, quanto mais escura for o tom de sua pele, quanto mais crespa for a textura do seu cabelo, maior será a probabilidade deste sofrer com a discriminação, pois, carrega no corpo, segundo o olhar do branco, sinais de uma identidade racial deteriorada.

Dessa forma, o cabelo da pessoa negra é uma marca racial que se destaca porque revela o pertencimento étnico racial do sujeito e, por isso mesmo, é atribuído a ele o estigma da inferioridade. Diante de tal constatação, nos aproximamos do objetivo principal do trabalho que é investigar quais seriam os impactos que esse racismo brasileiro tem sobre a subjetividade das mulheres negras e como isso exerce influência sobre a forma como elas manipulam o cabelo. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, cuja metodologia empregada foi a de entrevistas semiestruturadas, apoiadas por um roteiro pré-elaborado com perguntas que, de forma introdutória, buscava contemplar a história de vida das pesquisadas, para então entender como se deu a relação delas com o próprio cabelo ao longo da vida.

A escolha das entrevistadas foi intencional, pois, são mulheres negras com as quais eu já havia estabelecido um vínculo particular através do compartilhamento de vivências ligadas a gênero, raça e principalmente, ao cabelo.

Segundo (KILOMBA, 2019, p.82-83) “a pesquisa entre iguais pode representar as condições ideais para as relações não hierárquicas entre pesquisadora/es e informantes, ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática.”

¹⁵Nogueira, Oracy. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. 300. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem, pp. 287-308. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015>

Partindo desse pressuposto, entendo que o cabelo é algo que nos atravessa enquanto mulheres negras e, desse modo, discutir sobre experiências particulares ligadas a ele com pesquisadores brancos possa, talvez, causar reservas nos sujeitos entrevistados, gerando algumas limitações no desenvolvimento do trabalho científico.

Por conseguinte, não concordo com o ponto de vista tradicional de que o distanciamento emocional, social e político é sempre uma condição favorável para a pesquisa, melhor que o envolvimento mais pessoal. Ser uma pessoa “de dentro” produz uma base rica, valiosa em pesquisa centradas em sujeitos. (Kilomba, p.83, 2019)

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada com pessoas do meu trabalho, em um ambiente de telemarketing, local onde se observa que grande parte do corpo de funcionários é composto por pessoas negras.¹⁶ Para as entrevistas, selecionei duas jovens negras de 19 e 22 anos e, a fim de preservar suas identidades, elas serão aqui identificadas pelos nomes fictícios de Carla e Thaise.

Sobre o roteiro, algumas perguntas não estavam inclusas na lista e foram surgindo durante as entrevistas de acordo com a oportunidade do momento com cada entrevistada.

ROTEIRO

- Como você se apresenta? Nome, idade, se você estuda ou trabalha, com o que?
- Onde você mora, com quem você mora?
- Quem é a pessoa da sua família que você possui maior proximidade?
- Quem ficava encarregado de cuidar de você, de te arrumar e cuidar do seu cabelo?
- Você lembra de alguma experiência nesse processo de cuidado que essa pessoa tinha com você?
- O que você acha que combina com você? Como você gosta do seu cabelo e como você não gosta?
- Quais são os processos de cuidado que você tem com ele hoje?
- É um custo muito alto essa manutenção?
- Como você sente que as pessoas te percebem com o seu cabelo? Elas costumam te dar opinião sobre isso?

4.1 AS ENTREVISTAS:

¹⁶ É bastante comum nas vagas de emprego a exigência de um certo perfil para trabalhar com atendimento ao público e, entretanto, “o setor de telemarketing se vale de perfis bem específicos de trabalhadores, como mulheres, pessoas negras, homossexuais, pessoas transexuais, travestis, pessoas com deficiência, obesos e tantos outros que não exprimem em seus corpos a normalidade ditada pelo ideal social.” (Rodarte, 2022) Conforme já destacou Sueli Carneiro, nós “mulheres negras fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”. O que revela uma outra contradição do mito da democracia racial que barra nossos corpos de certos locais de trabalho, a não ser naqueles onde eles não precisam, necessariamente, serem vistos. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>

THAISE:

Thaise é uma jovem negra, solteira, de 22 anos, cabelos cacheados e relaxados. Estuda psicologia e trabalha como representante de atendimento em uma empresa de telemarketing na cidade de Juiz de Fora – MG. Sendo uma boa ouvinte, Thaise possui excelentes habilidades de comunicação e tende a se expressar com um pouco de agitação. Filha de pais separados, ela mora com a sua avó, o irmão mais novo e a sua mãe, de quem se considera muito próxima.

T - Eu e a minha mãe a gente é muito parceira, sabe? Somos muito próximas mesmo, nosso gênio é muito parecido. Tem hora que a gente dá uns atritos assim, mas sou muito próxima da minha mãe [...] quando eu era mais novinha, né? Aí era a minha avó, porque a minha mãe sempre trabalhou fora então eu ficava com a minha avó em casa, na época ainda não tinha o meu irmão, né...aí era minha avó que me arrumava pra ir para a escola, penteava meu cabelo... (Thaise, 22 anos, 07/10/2023)

CARLA:

Carla é uma jovem negra, solteira, de 19 anos, está atualmente com cabelos trançados, mas também gosta de utilizá-lo em estilo afro. Ela faz faculdade de fisioterapia e trabalha como representante de atendimento em uma empresa de telemarketing na cidade de Juiz de Fora – MG. É uma pessoa que demonstra ter bastante segurança ao falar sobre si e os seus cabelos, mora com os seus pais e duas irmãs e, embora passe mais tempo conversando com a mãe, mantém uma boa relação com todos os familiares.

C - Minha relação com os meus pais é bem tranquila, eles são bem liberais, respeitosos, tranquilos e eles confiam muito em mim. [...] Eu não tenho diferença de proximidade não, mas eu converso mais com a minha mãe. [...] Era ela quem cuidava da gente porque meu pai trabalhava para sustentar a casa. (Carla, 19 anos, 18/10/2023)

Percebe-se, pelas descrições acima, o papel social que as mulheres ocupam no universo familiar das pesquisadas. Operando a partir de uma rede de proteção e cuidado, as “mães” e “avós” aparecem como principal referência quando o assunto é o cuidado com os cabelos na infância.

D - Você lembra de alguma experiência nesse processo de cuidado que ela tinha com você?

C - Ah sim, o cabelo ela sempre fazia aquelas trancinhas, comprava elásticos, né... liguinha colorida e colocava...ela colocava miçanguinha e ficava muito bonitinho;

D - E como você sente que isso impactou na forma que você cuida do seu cabelo hoje?

C - Acho que impactou muito bem, minha mãe sempre ensinou a gente a gostar do nosso cabelo, sabe? Eu sempre aprendi a cuidar desde criança do meu cabelo. Eu nunca tive dificuldade pra cuidar não. (Carla, 19 anos, 18/10/2023)

“Em alguns casos, é o cuidado da mãe, a maneira como a criança é vista no meio familiar, que lhe possibilitam a construção de uma autorrepresentação positiva sobre o ser negro/a e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo” (Gomes, 2019, p.205).

T - Eu sempre andei muito de trança né, porque igual eu falei, meu cabelo sempre foi muito fino e muito cacheadinho, meu cacho era muito pequenininho então minha mãe não deixava eu usar o meu cabelo solto porque ninguém sabia cuidar do meu cabelo e, cabelo cacheado cê tem, cê sabe né, que o povo não sabe cuidar de cabelo cacheado! Então assim, minha mãe nunca deixou eu ficar usando ele solto, eu ia pra escola, fazia trança, eu ia de duas marias chiquinha, então assim, o dia que eu apareci na escola com o meu cabelo solto foi o maior evento! Todo mundo ficou chocado com o tamanho do meu cabelo! (Thaise, 22 anos, 07/10/2023)

Essa rede de afeto e cuidado que se estabelece em torno da criança negra pode também ser interpretada como uma forma de proteção contra o racismo que se exerce fora do âmbito familiar, principalmente na escola, um dos espaços onde ocorrem os primeiros contatos primários entre crianças negras e as crianças e professores brancos.¹⁷

A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e, também, de estética. Para estar dentro da escola, é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas. (Gomes, 2019, p.203).

Desse modo, pode-se inferir que para algumas famílias, para além da questão estética e cultural, manter os cabelos trançados, bem disciplinados, é também uma forma de proteger a criança negra do racismo existente na nossa sociedade, principalmente nos lugares onde as relações interraciais ocorrem com maior intensidade. Para Gomes (2019, p.202) “algumas famílias negras, ao arrumar o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo.”

T - A minha mãe e a minha avó sempre foram muito pacientes, sabe? Com a questão do meu cabelo assim... a minha mãe de vez em quando, ela dava umas estressadas, sabe? Porque, por exemplo, eu pedia para minha mãe fazer cachinho no meu cabelo quando eu tinha festinha, quando tinha alguma coisa pra eu ir. Aí ela pegava o pente e fazia cachinho por cachinho, menina...ficava a coisa mais linda! Mas, e depois para desembaraçar, era... misericórdia! Uma luta, porque o meu cabelo ele é muito fino, então ele embaraça demais, demais, demais! E aí, eu queria fazer o cachinho, mas depois eu não queria pentear, então assim, né? As vezes ela dava umas estressadas! Mas no geral, assim, elas tiveram sempre muita paciência, sempre desembaraçaram

¹⁷ Gomes, Nilma Lino. Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica. 2019 p.204

meu cabelo na maior paciência do mundo, paciência que eu não tenho hoje, mas elas tinham! (Thaise, 22 anos, 07/10/2023)

Para algumas crianças negras, o ato de desembaraçar os cabelos, pode se tornar um processo muito doloroso. Conforme explicou Thaise, os seus cabelos são muito finos, o que é uma característica de alguns cabelos crespos e cacheados. Esse tipo de embaraço acontece porque o formato encaracolado dos cachos impede que a oleosidade natural da raiz chegue até as pontas, provocando o ressecamento dos fios.¹⁸ Então, se por um lado o pente é utilizado como uma ferramenta para auxiliar na manipulação dos cabelos, ele pode, também, se tornar um objeto de tortura, principalmente quando esses, por muito tempo, foram produzidos com uma estrutura mais fina e voltada para pentear cabelos lisos. Segundo Gomes (2019, p.201) “a sensação de ter o cabelo constantemente desembaraçado e de não precisar sofrer as pressões do pente ou os puxões para destrançar o cabelo, seria, talvez, um dos motivos que muitas mulheres preferiram adotar alisamentos.” Vejamos então, a relação que Thaise possui com o cabelo na atualidade:

T- Então, no caso eu não tenho muita paciência de desembaraçar ele, entendeu? É assim, eu cuido pra caramba do meu cabelo, menina aqui tem uma amiga minha que ela fala “eu vou lá pra sua casa pra poder hidratar o cabelo” porque se chegar aqui, tem tudo quanto é máscara de hidratação que você imaginar! Creme, enfim, eu sou a louca dos cremes! Mas, eu acho que eu não tenho paciência... igual, to sem relaxar ele, né? Tem uns meses que eu não faço relaxamento porque sim, eu tenho química e não consigo tirar. E aí, assim, ele começa a crescer a raiz, então ele volta a parte natural mesmo, né? E aí, nossa, ele embaraça muito, aí eu fico um tempo sem lavar o cabelo porque nossa, eu não tenho paciência e não tenho tempo também, então assim, eu não consigo lavar o meu cabelo de noite porque senão ele não seca. Tem que lavar cedo! E aí nossa, vai me dando uma raiva! mas enfim, assim... gostar de cuidar eu gosto, sabe? Mas, eu não tenho paciência de desembaraçar...(Thaise, 22 anos 07/10/2023)

O depoimento expressa uma insatisfação em ter que lidar com o desembaraço dos cabelos, um problema que a acompanha desde a infância. Sob esta ótica, Gomes (2019, p.239-244) nos apresenta uma interessante perspectiva sobre como para algumas pessoas, ter um cabelo crespo é viver em uma constante “lida”.

Podemos entender o significado da palavra “lida” numa única via e associá-la com interpretações que se apoiam nas relações sociais capitalistas construídas no decorrer do nosso processo histórico. Nesse caso, “lida” seria uma categoria social relacionada à exploração do trabalhador. O trabalho, nessa perspectiva, é visto como um fardo, e não como uma possibilidade de realização pessoal. (Gomes, 2019, p.239)

Ainda sobre a “Lida” a autora continua

:

¹⁸ <https://www.allthingshair.com/pt-br/penteados-cortes/cabelos-crespos/cabelo-oleoso-na-raiz-e-seco-nas-pontas/>

É preciso pensá-la associada à experiência específica dos negros e negras da diáspora, cuja ideia de labuta, sofrimento e fadiga parece estar associada ao passado escravista, um processo anterior ao capitalismo. Nesse sentido, a ideia de “lida” aparece como algo específico na trajetória do povo negro e é reforçada, hoje, pelo lugar desse na estrutura de classes (Gomes, 2019, p.239)

Nesse sentido, a “lida” associa-se a ideia de labuta, sofrimento e fadiga e, paralelamente, o cabelo crespo aparece como um fardo, algo trabalhoso e difícil de lidar.

T - Eu to muito acostumada com o meu cabelo relaxado, né? Porque eu não gosto muito do... a questão que ele embaraça muito então quando ele ta relaxado ele fica mais fácil pra eu poder pentear, pra finalizar...E, até a finalização dele eu gosto mais e... ele sem, quando ele ta muito tempo sem relaxar, ele começa a embaraçar muito, o creme fica mais difícil de finalizar mesmo, tem que lavar ele, finalizar com mais frequência porque ele fica volumoso muito rápido, assim, volumoso e sem cacho, né? (Thaise, 22 anos, 07/10/2023)

O cabelo do negro pesa no imaginário social como um problema a ser resolvido e, conforme (Gomes, p.256), a palavra “relaxar” expressa essa “visão que foi construída desde a escravidão e a qual foi reforçada pelo racismo desenvolvido no decorrer do processo histórico, político e cultural do Brasil, que via no cabelo da pessoa negra um símbolo de inferioridade racial.” O ato de relaxar os cabelos pode significar, nesse sentido, uma tentativa de se distanciar desse estigma e se aproximar daquilo considerado mais aceitável. Porém, tal como foi expresso anteriormente pela depoente, além da preferência pelos cachos quimicamente tratados, cuidar de seus cabelos quando este está em sua textura natural demanda um tempo que ela não possui. Dessa forma, além de ser uma preferência estética, ter os cabelos relaxados pode, talvez, ser uma forma de trazer mais praticidade no seu dia a dia, encontrando a possibilidade de poder ser e, ao mesmo tempo, produzir o seu estar no mundo.

Sobre a praticidade, também a encontramos em um dos discursos de Carla:

*D - E o que você acha que combina com você hoje? Como você gosta de usar o seu cabelo?
C - Hoje em dia tenho preferido usar trança, né? pôr da mais praticidade ne, em questão do meu trabalho e da faculdade... só que eu também gosto muito de utilizar o meu cabelo como afro puff que é aquele puxar tudo e deixar o afro na parte de cima. (Carla, 19 anos, 18/10/2023)*

Diante do exposto, verifica-se que podemos encontrar no cabelo crespo, diversas possibilidades de manipulação, pois, além da química como opção estética, a sua textura maleável permite a estilização de diversos penteados que podem ir dos mais simples até os mais elaborados. Para Gomes (2019, p.227), “tal particularidade atesta o cabelo das pessoas negras como símbolo de pertencimento étnico, que marca a diferença desse grupo em relação aos demais.”

D - Quais são os processos de cuidado que você tem com o seu cabelo hoje?

C - ...cronograma capilar, eu utilizo muito óleo porque geralmente cabelo cacheado necessita de muita nutrição e eu faço... eu vou em salão, ne? Então eu também faço o cronograma capilar em salão pra cabelo cacheado...seriam esses os cuidados que utilizo geralmente com o meu cabelo. Cronograma capilar em casa, cronograma capilar no salão... e utilizo muito pra fazer nutrição no meu cabelo, fitagem¹⁹...

D - É um custo muito alto, essa manutenção?

C - Sim, caríssimo! É muito alto porque no salão, tipo, se eu for no mínimo uma vez na semana eu pagaria no mês, 150, se não me engano. E creme de cabelo cacheado, ele acaba sendo um pouco mais caro, dependendo do seu cabelo tem alguns cremes que não aceitam, então a gente faz uma escolha melhor para o nosso cabelo, então vão ter alguns cremes que vão ser um pouco mais caros. (Carla, 19 anos, 18/10/2023)

Se antes os cosméticos capilares eram voltados para uma mudança estrutural dos cabelos de pessoas negras, para “alisar”, “relaxar” a textura crespa dos fios, privilegiando sempre uma estética branca e mestiça, atualmente, o mercado ampliou e diversificou a produção de cremes para cabelos crespos e cacheados. Dessa forma, os cuidados com os cabelos já não se restringem mais ao ambiente familiar, onde as famílias negras buscavam suas próprias maneiras alternativas de tratar a especificidade dos cabelos crespos, precisando, muitas vezes, recorrer aos procedimentos químicos. É possível, atualmente, encontrar nos mercados uma variedade de marcas e produtos que sugerem uma forma específica de cuidar dos cabelos. Vejamos também o relato de Thaise:

T - Então menina, eu acho um gasto grande, porém depende, sabe? O relaxamento, por exemplo, eu teria que fazer a cada três, quatro meses mais ou menos, só que é 160 reais, né? então eu não faço com tanta frequência porque eu não tenho 160 reais pra ficar gastando sempre não! E aí eu faço umas duas ou três vezes no ano, no máximo! E no caso de hidratação, eu não gasto tanto porque geralmente eu compro os potes de um quilo da salon line²⁰, ne? Do cronograma capilar, aí eu escolho um cronograma e aí eu compro! E aí, por exemplo, paguei 60 reais em três potes de um quilo e dura muito, muito, muito porque não é sempre que você faz, ne? Ai, eu e minha mãe usando dá aí... quase um ano, então já não é um gasto tão grande. Em relação a creme de pentear, por exemplo, aí eu já gasto muito porque o meu cabelo, ele é muito grande, eu tenho que fazer fitagem mexa por mexa porque senão o meu cabelo fica com muito volume e aí fica uma parte com creme e outra parte sem creme então tem que fazer mechinha por mechinha pra poder pegar em tudo e aí eu gasto bastante. Mas, atualmente, eu to usando o creme da

¹⁹ Fitagem é o termo utilizado para descrever o método de finalização de cabelos crespos e cacheados, em que é feito a divisão dos cabelos em mexas finas, modelando-os para que esses fiquem com cachos comportados e alinhados.

²⁰ Salon line é uma marca brasileira de produtos capilares pertencente ao grupo Devintex Cosméticos Ltda que está ativo no mercado brasileiro desde a década de noventa. A marca produzia cremes relaxantes e alisantes para cabelos crespos até o ano de 2014, quando vê no movimento de transição capilar uma possibilidade de expansão e, dessa forma, passa então a investir em cremes para cabelos crespos e cacheados. Disponível em: <https://propmark.com.br/salon-line-empoderamento-feminino-faz-parte-de-nossa-cultura/>

skala²¹ porque o meu cabelo se deu muito bem com skala e aí é um valor mais em conta, né, tá o que... 10 reais um pote? Eu pagava antes no ativador de cachos da salon line 20 reais e dava pra uma semana e meia só pra mim. Então era assim, um gasto absurdo e agora que eu tô cortando em relação a isso. (Thaise, 22 anos, 08/10/2023).

Entretanto, mesmo que tenha se ampliado e diversificado a produção de cremes voltados para a especificidade do cabelo das pessoas negras, nota-se, a partir dos relatos das entrevistadas, que essa fórmula sistematizada de cuidados com os cabelos crespos, natural ou relaxados, ainda requer um maior dispêndio financeiro e, nesse contexto, vale destacar como a indústria cosmética continua crescendo a partir da “apropriação de símbolos culturais dos negros, resignificando - os e, por vezes, deturpando-os e devolvendo-os à sociedade.” (Gomes, 2019, p.223) Um exemplo atual é o surgimento de um movimento liderado por jovens negras nas redes que, passando pela transição capilar²², estabeleceram uma rede de comunicação e solidariedade na internet, onde passaram a compartilhar experiências, receitas e ensinavam algumas formas de cuidados com o cabelo crespo, motivando assim, outras meninas crespas e cacheadas a assumirem o cabelo em sua textura natural.²³ “O mercado se fortaleceu com o sucesso que esse movimento alcançou no mundo virtual” (2016, p.846) “ e, apesar de termos agora mais opções de cosméticos para pessoas negras, com preços tão exorbitantes, esses acabam se tornando inacessíveis para as classes mais pobres e, portanto, ter a opção de “escolher o que seria melhor para o próprio cabelo”, nesse contexto, talvez não seja uma possibilidade para todos.

D - E como você sente que as pessoas te percebem com o seu cabelo? Elas costumam te dar opinião sobre isso? Sobre você usar tranças ou quando você está com o seu cabelo natural?

C - Aí eu acho que as pessoas davam muita opinião “aí eu preferia você com o cabelo assim, aí eu preferia você com o cabelo daquele jeito”. Só que talvez, é uma coisa que eu, Carla, eu não ligo muito. Então não é uma coisa que eu me importo muito, mas elas dão muito opinião. (Carla, 19 anos, 18/10/2023)

Como já citado anteriormente, o meio familiar e a forma como a criança é vista e cuidada pela família, desempenha um papel fundamental para a construção de uma identidade negra positiva. Diante disso, podemos identificar esses sinais expressos no depoimento de Carla, que revela uma certa autonomia em relação as normas sociais que não reconhece o mundo subjetivo das mulheres negras e que tenta impor uma pressão estética, um controle sobre os seus cabelos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

²¹ Skala cosméticos é uma marca brasileira voltada para a produção de cremes capilares. Segundo os dados apresentados pela InfoMoney, a empresa representa 11,4% do volume de cesta de headcare no Brasil e 8,1% de valor em um mercado de 10,5 bilhões ao ano. Dados disponíveis em: <https://www.infomoney.com.br/business/skala-cosmeticos-um-viral-que-escalou-as-exportacoes-e-o-faturamento/>

²² Termo cunhado para definir a transição de um cabelo quimicamente tratado de volta para a sua textura natural

²³ Matos, L. (27 a 29 de abril de 2016). TRANSIÇÃO CAPILAR COMO MOVIMENTO ESTÉTICO E POLÍTICO. Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS, pp. 845-858. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12871/2/TransicaoCapilarMovimento.pdf>

Abordamos nesse artigo o cabelo enquanto uma marca racial e, nesse contexto, foi apresentado um levantamento bibliográfico para elucidar como se desenvolveu, ao longo do processo histórico do Brasil, uma cultura racista que classificou e hierarquizou o cabelo das pessoas negras, definindo o crespo como “ruim” enquanto o liso, das pessoas brancas, era visto como “bom”.

Embora a ideologia de branqueamento e o mito da democracia racial tenham produzido no imaginário social a existência de uma suposta igualdade racial, esta não se sustentava, pois, nas relações inter-raciais entre pretos, brancos e mestiços brasileiros, ainda se manifesta um preconceito racial se dirige em direção ao sujeito negro, constringendo sua imagem e manipulando percepção que este tem de si, pois, tinha em perspectiva um padrão que colocava o branco como um ideal a ser alcançado.

A cor escura da pele e o cabelo crespo, como símbolos mais evidentes do pertencimento racial da pessoa negra, a colocava em posição de inferioridade frente aos brancos e, embora a cor não fosse tão fácil de alterar, o cabelo, entretanto, com suas diversas possibilidades de manipulação, poderia ser alisado artificialmente, relaxado por meio de procedimentos químicos e desse modo, poderia se aproximar daquilo que é aceitável no sistema de classificação racial dos brasileiros.

Podemos concluir, portanto, que embora o processo histórico, político e cultural do país possa vir a influenciar a forma como as pessoas negras se relacionam e manipulam o cabelo, os resultados alcançados com as entrevistas não evidenciaram impactos diretos desse racismo à brasileira sobre a subjetividade das mulheres pesquisadas. Apesar de uma delas, Thaise, ter demonstrando um pouco de sensibilidade em relação ao seu cabelo natural, expressando uma certa rejeição por um cabelo que não produza cachos, as experiências que ambas revelaram ter com o cabelo na infância e na vida adulta não evidenciaram nenhum tipo de sentimento de inferioridade causado pelo racismo e os seus depoimentos expressaram sinais de uma identidade negra construída a partir de um ambiente familiar positivo que, desde a infância, através dos cuidados e penteados bem elaborados pelas mães e avós, aprenderam a valorizar a estética e a beleza negra, contribuindo assim, para que elas pudessem cultivar uma percepção mais positiva sobre os seus cabelos.

Houve alguns contratemplos ao longo da pesquisa que limitou o número de pessoas a serem entrevistadas, portanto, não foi possível obter um parâmetro maior para comparação dos discursos. Entretanto, alguns tópicos abordados foram de extrema relevância e podem ser aprofundados em novos trabalhos científicos que envolva o tema trabalhado.

REFERÊNCIAS

- Bicudo, Virginia Leone. Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo. Tese de Mestrado para a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1945.
- Gomes, Nilma Lino. Sem perder A Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

- Kilomba, Grada. *Memórias da Plantação*. Rio de Janeiro: COBOGÓ. 2019.
- Santos, Ynaê Lopes. *Racismo Brasileiro: Uma História da Formação do País*. São Paulo: todavia. 2022
- Souza, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983
- Foucault, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão (Vol. 20)*. (R. Ramalheite, Trad.) Petrópolis: Vozes. 1987.
- Nogueira, Oracy. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1. 300. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem, pp. 287-308.
- Nogueira, Oracy. *Preconceito de marca. As relações raciais em Itapetininga. Apresentação e edição de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti*. São Paulo, Edusp, 1998.
- Matos, Lídia. *TRANSIÇÃO CAPILAR COMO MOVIMENTO ESTÉTICO E POLÍTICO*. Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS. 27 a 29 de abril de 2016. pp. 845-858.
- MORTOZA, Gabriela Draibe; *O Cabelo Enquanto Significante De Destaque Na Construção Subjetiva E Identitária De Feminilidades No Brasil*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso em psicologia. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo.